



Lutas e conquistas da Associação de Mulheres Resgatando suas Histórias

No povoado de Lagoa da Volta, no município de Porto da Folha/SE, um grupo de mulheres vem resgatando e reconstruindo suas histórias de vida. O ponto de partida dessa trajetória vem lá de 1995, quando na comunidade chegou um grupo de freiras da congregação Divina Providência. Nessa época, foram criados grupos de Catequese, a Pastoral da Criança, e o Terço dos Homens, com o objetivo principal de evangelização e acabaram contribuindo com a organização e formação das lideranças. “Sempre digo que meu primeiro passo foi participar da Pastoral da Criança. A Pastoral da Criança me ensinou a crescer no estudo, porque meu pai não me deixou estudar, eu só tinha até a 4ª série”, conta Cida, uma das fundadoras do grupo.

Em 2003, chegou irmã Acácia que chamou uma reunião só de mulheres. No primeiro dia, foram 60 mulheres para a igreja. “Conversamos bastante”, conta Dona Luzinete, ou Dona Netinha, como é mais conhecida. “Relembramos nossa história, mas também começamos a lembrar histórias de outras mulheres, como a de Margarida Maria Alves, a sindicalista da Paraíba que foi assassinada pelo dono de um latifúndio. Passamos então a nos encontrar de 15 em 15 dias para essas rodas de conversa”, completa. “No início era muito difícil de participar. Antes eu era tão matuta no mundo que ia para a reunião pensando: será que tem gente de fora por lá? Se tivesse já pensava em voltar.” relembra Zezé, uma das mulheres do grupo.

“As irmãs saíam convidando a gente, mas eu ficava muito nervosa, meu joelho até tremia na reunião, lembra dona Zezé”. As reuniões passaram a acontecer ora na Igreja, ora na Pastoral da Criança, ora no espaço dos Vicentinos. Até que em junho, no final de um desses encontros, a irmã nos perguntou se tínhamos um sonho. O grupo não teve dúvida, elas tinham o sonho de ter terra para produzir. A maioria das mulheres morava no povoado e eram filhas de agricultores.

As reuniões permaneceram animadas, até que em setembro a irmã voltou a perguntar se elas ainda mantinham seus sonhos. E após todas responderem com firmeza que ainda mantinham vivo o sonho da terra, ela contou que uma amiga brasileira da congregação São Martim, que era irmã na Alemanha,, havia lhe enviado uma carta resolvendo apoiar um projeto no Brasil. O sonho seria realizado!

O próximo passo seria escolher esse terreno. A irmã convidou o pessoal da Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe – EMDAGRO para ajudá-las a selecionar um pedaço de terra para colocar o sonho em prática. Em 2003, visitaram três terrenos e as mulheres escolheram um de uma tarefa e meia, que ficava mais perto do povoado. Dona Netinha lembra que foram muito criticadas: “mas esse terreno é cheio de pedra, aí não vai dar nada”. Elas insistiram, não desistiram.



Nossas conquistas são reflexo do trabalho coletivo, da paixão e comprometimento de cada membro da associação

Começaram a trabalhar no terreno em 2004. Mesmo ano em que as irmãs conheceram o pessoal do Centro de Assessoria e Serviços aos Trabalhadores/as da Terra Dom José Brandão de Castro – CDJBC, que logo foi conhecer a experiência do grupo. Juntos e juntas, as irmãs, o grupo de mulheres e o CDJBC escreveram um projeto para apoiar a estruturação das terras e enviaram para a Agência de Cooperação Internacional OXFAM - Grã-Bretanha, que contribuiu com a realização de espaços de formação, intercâmbios, e com a construção do viveiro de mudas e de uma cisterna calçadão na área 2 da associação, onde desenvolve a atividade de apicultura e banco de sementes.

Já a sede da Associação foi construída por meio de recursos da Congregação das Irmãs Missionárias da Divina Providência do Brasil. Em 2005, houve mais uma doação de 1,5 tarefas e um barreiro para o grupo de mulheres. Com estes incentivos, as mulheres passaram a produzir alimentos na horta comunitária e assim foram se desenvolvendo.



A horta produzia bem no inverno, mas não no verão. Curiosas, elas foram tentando aprender o porquê, e foi a partir de participações em intercâmbios, trocando experiências com outras agricultoras, que conseguiram adotar técnicas de manejo essenciais para produção de alimentos saudáveis na horta. Conquistaram também parcerias e arrumaram um sombrite.

Compraram mais terra, construíram um barreiro e aquele terreno antes pedregoso, passou a produzir, conta Cida: “não tem faculdade melhor do que o intercâmbio. O técnico, digo que tem a teoria, mas tem que andar junto com a prática. Ele não pode ser mais do que os agricultores. É por isso que eu sempre digo que não recebemos visitas, mas que vamos trocar. Cada um traz seu conhecimento de agricultor para agricultor. Por isso acho que a ASA não pode acabar, se um projeto acabar, tem que ter outros projetos para todos, porque a ASA capacita a família. Para a pessoa construir uma casa, não tem que colocar o alicerce? Foi assim que fomos fazendo”.

De 2006 a 2007, o grupo esteve nos preparativos para formar uma associação. Debateram objetivos, construíram estatuto e quando tudo ficou certinho registraram o grupo. As conquistas só foram se ampliando. “Hoje temos uma casa de sementes, temos nossa cozinha que veio a partir do projeto do biodigestor. Conquistamos mais duas cisternas para produção das hortaliças, o projeto do apiário. Fizemos muitos cursos de contabilidade, geleia, bala, compotas, apicultura”, comemora dona Netinha.

Hoje a Associação é reconhecida no município, no estado, na ASA e até internacionalmente. Além da ASA, hoje estamos nos Conselhos Municipais, Conselho Estadual de Assistência Social e na Associação Programa 1 Milhão de Cisternas – AP1MC. E isso nos fortalece, completa dona Netinha.



Grupo de trabalho



Produção de hortaliças



Geléia

O Grupo de Mulheres Resgatando sua História hoje tem 28 sócias e se reúne todo primeiro sábado do mês. As mulheres associadas se dividem ainda em Grupos de Interesses, e nesses espaços são formados grupos de trabalho. Todas as quintas-feiras o grupo de hortaliças faz um mutirão para plantio, colheita e venda dos produtos. Há ainda o grupo de apicultura e outro responsável pela fabricação de doces.

Dona Netinha é a pessoa responsável pela contabilidade do coletivo. Todas as atividades produtivas dedicadas aos Grupos de Interesse são contabilizadas e cada mulher recebe o valor referente à quantidade de dias dedicados ao trabalho. Elas já possuem compradores certos para o que produzem na horta. E os doces são vendidos nos muitos encontros e visitas que recebem ou participam.

Em 2012, a associação conquistou OCS (Organização de Controle Social) o que assegurou a elas o certificado de produção agroecológica e a comercialização dos produtos diretamente na comunidade.



Em 2013, mais de 500 grupos em todo país que concorreram a um prêmio, organizado pela Secretaria de Políticas Para as Mulheres da Presidência da República e somente 30 receberam o prêmio intitulado “Mulheres Rurais que Produzem o Brasil Sustentável”, dentre estes, a associação de mulheres da Lagoa da Volta.

Em 2015, receberam o Prêmio Melhores Práticas, organizado pela Caixa Econômica Federal, 300 grupos concorreram e apenas 20 foram premiados. “Mas essa história não foi assim tão fácil. Fomos chamadas de muita coisa, falavam que estávamos atrás de macho, que éramos vadias, perguntavam se a gente não tinha nada o que fazer. Quando voltei a estudar então... diziam que eu era mulher velha, que eu tinha que ficar em casa cuidando dos meus filhos”, relembra Cida.

“Esse é um movimento social que a gente não fica devendo para político nenhum. Quando me perguntam se eu vou me candidatar, eu digo logo que gosto de políticas públicas e não de política partidária. Hoje posso dizer que a autoestima levanta a gente. Hoje se estou em tantos espaços, como a ASA, Conselhos, GT Mulheres, é porque estou antes no grupo de mulheres”, afirma dona Netinha.

“Participar do grupo de mulheres para mim foi muito bom, porque antes vivia igual um animalzinho dentro de casa. Passei 10 anos presa em casa. E comecei trazendo meus meninos. Sempre fui matuta e tinha medo de participar. Meus filhos foram criados junto com as irmãs, com as mulheres do grupo, eles são muito diferentes do que um dia eu fui. Hoje a gente tem nosso dinheiro. Trabalha-se mais, ganha mais e ninguém se queixa. Hoje estou aqui e feliz, conta Zezé.

Maria José, conhecida como Nega relata: “adquirir auto estima com os trabalhos realizado no grupo de mulheres da associação e o conhecimento e amizade que conquistei partilhando a história de luta que enfrentamos”.



Zezé, roçado agroecológico



Atividade de apicultura



Grupo vozes da infância

Atualmente, a atividade da casa de sementes encontra-se com pouca diversidade de sementes, devido às dificuldades de plantio e colheita, geradas pelas variações climáticas e pelo alto índice de uso de agrotóxico nas propriedades vizinhas. A apicultura é desenvolvida em uma área particular de uma das fundadoras associadas, que cedeu através de um contrato de comodato para o grupo.

Além disso, a associação, através da parceria com o Conselho Municipal da Criança e Adolescente, desenvolve projetos sociais voltado para formação de crianças e adolescentes do povoado.